Porto, 13 de Janeiro de 2021

Exmos. senhores

Na qualidade de membros fundadores nº1, nº2 e nº3 do Partido Pelos Animais e Natureza, posteriormente denominado PAN – Pessoas Animais Natureza, nós, António Santos, Pedro Taborda e Fernando Leite, manifestamos desde já o nosso desapontamento e indignação, perante o estado actual do partido que fundamos.

No passado dia 04 de Dezembro celebraram-se 11 anos em que carregamos pessoalmente as caixas com as assinaturas e documentos para oficialização do partido no Tribunal Constitucional. Hoje marcam 10 anos em que o Tribunal Constitucional oficializou o PPA, 13 de Janeiro de 2010, data redonda que merecia ser assinalada com a devida referência à fundação do partido e aos responsáveis pela sua criação, algo que nos parece estar cada vez mais ausente da memória, na medida em que nem uma simples menção ou comunicado vemos nos canais de comunicação oficiais do partido.

Para que conste, havia um sonho e vários ideais por detrás da nossa intenção de criar um partido que defendesse os animais e a natureza, mas também haviam várias propostas e intenções concretas, que se destinavam a corrigir de forma muito directa deficiências e situações desumanas que entendíamos não serem compatíveis com uma sociedade que se diz de brandos costumes, como é o caso das touradas e da existência de canis ilegais, para citar dois exemplos recentes do círculo noticioso nacional.

10 anos depois, poderíamos dizer que continuamos na mesma, mas estaríamos a faltar à verdade, pois estamos pior do que no longínquo ano de 2010, na medida em que estes casos (e outros que não citei mas que foram fulcrais na base ideológica do PPA) não só continuam a existir como uma mancha sangrenta na reputação do país, mas também são bandeira esquecida – para não dizer abandonada – pelo partido que jurou lutar contra estes actos barbáricos, e que compactua e viabiliza diariamente um governo que nunca se preocupou com estes temas, nunca levantou uma palha para os resolver e muito menos trazer para a discussão pública, e que nunca se atreverá a fazer o que quer que seja para acabar com estas desumanidades na sociedade, devido aos benefícios económicos e políticos que retira da sua continuada existência.

10 anos depois temos uma grave situação de pandemia a assolar Portugal e o mundo que serve de desculpa para o constante atropelo dos direitos civis garantidos pela nossa constituição por parte do governo, sem qualquer oposição. Tudo isto perante a aprovação e o silêncio cúmplice do PAN.

10 anos depois temos um partido que não vai para a luta nas presidenciais, preferindo esconder-se atrás de um apoio risível a uma candidata que – sem lhe tirar outros méritos – não tem um programa político alinhado com a ideologia do PAN (exceptuando esparsos e tangenciais "pontos de convergência"), não comunga de um estilo de vida compatível com o respeito pelos animais e defesa do ambiente, e nem uma só vez mencionou as causas animalistas e ambientalistas no seu discurso público enquanto candidata presidencial.

10 anos depois vemos um PAN de comportamento autista no panorama político nacional, virado para dentro, que não se manifesta nem faz barulho, não luta pela suas causas na arena

da opinião pública, não tem paixão nem orgulho nas suas actuações, invisível para a sociedade, e sem capacidade de inflamar o imaginário das pessoas com a nobreza dos seus ideais. Ou seja, completamente o oposto do partido que nasceu da revolta em 2007, subscrito por 9500 pessoas em 2009 e legitimado no universo político por quase 60.000 cidadãos e cidadãs nas eleições legislativas de 2011.

10 anos depois vemos um PAN semelhante a tudo o que nunca quis ser na sua génese: mais um no meio de tantos. Um partido que dá prioridade à sua sobrevivência no lodaçal político português, disposto a pactuar com os que estão no poder, a renegar e vender a sua identidade e ideologia a troco da caridade da relevância na sociedade portuguesa, capaz de silenciar e fraturar as vozes dissonantes que se erguem no seu seio, num regime autoritário e com estratégias de outros tempos que procuram forçar e amedrontar todos os que não alinham com a óptica e visão dos poucos no poder.

10 anos depois, está o PAN em rota de colisão consigo mesmo, tendo afastado/perdido 2 deputados na arena nacional e europeia, que tanta falta fazem e que tanto poderiam fazer pelo nosso prestígio e pelas nossas causas.

E quem se responsabiliza por este partido sem rumo, sem força, sem vontade e sem identidade? Quais os elementos no seu seio com a tarefa de guiar, estabilizar, e liderar as hostes de todos os que acreditam neste sonho que um dia foi PPA/PAN?

Para nós há apenas um responsável, um grande culpado por este desnorte e por este regime de amordaçar as vozes que questionam, de tomada de decisões e parcerias duvidosas, de perseguir políticas que só nos desprestigiam e mancham a nossa reputação perante os eleitores. Um e apenas um, o porta-voz André Silva.

Porque quando o barco afunda ou vai na direção errada é o timoneiro o culpado, consideramos pessoalmente o porta-voz André Silva o grande responsável pela anedota inofensiva que o PAN se está a tornar, e exigimos que o mesmo assuma que as suas decisões estão a levar-nos a todos para a irrelevância, e que tenha a hombridade e coragem de colocar o seu lugar à disposição, para que outros e mais competentes candidatos possam erguer mais uma vez a chama do animalismo e ambientalismo e mobilizar as hostes para esta luta, que cada vez mais urge cumprir.

Na qualidade de membros fundadores sentimos que temos direito a uma resposta, e não vamos permitir que a nossa voz seja silenciada, à semelhança do que tem acontecido com tantos outros nestes tempos recentes.

Com os melhores cumprimentos,

[redacted]	[redacted]	[redacted]
António Santos - Filiado nº1 / Membro Fundador	Pedro Taborda - Filiado nº2 / Membro Fundador	Fernando Leite - Filiado nº3 / Membro Fundador